

ao mais pequeno pormenor estilístico, aos matizes semânticos dos vocábulos, ao ritmo e à musicalidade dos versos, Frederico Lourenço revela-se um tradutor profundamente conhecedor do original e com uma extraordinária capacidade poético-literária de vertê-lo, de uma forma expressiva e dúctil, numa língua tão diferente e tão distante como o é a língua portuguesa. O aspecto mais visível para o leitor comum será talvez a eloquência sóbria e subtil com que se vertem para a língua portuguesa as complexas fórmulas homéricas e a maleabilidade como se manejam os versos encavalgados — um recurso muito utilizado pela épica —, de forma a urdir a unidade sintáctica e semântica que transita de um verso para outro. Ao rigor e à preocupação de clareza, acresce um intuito conseguido de reproduzir, nos seus matizes e efeitos variados, o estilo heróico, vívido e harmónico da narrativa homérica.

Há portanto que congratularmo-nos com o aparecimento desta publicação — que merecidamente acabou de granjear ao A. o prestigiado Prémio Dom Diniz, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus —, porque ela constitui um verdadeiro acontecimento cultural, digno das palavras mais encomiásticas, não devendo por isso passar despercebida aos estudiosos da literatura grega, nem a todos aqueles que por ela se interessam.

MARIA FERNANDA BRASETE

Sófocles, *Tragédias* (prefácio de Maria do Céu Fialho, introduções e traduções do grego por Maria Helena da Rocha Pereira, Maria do Céu Fialho e José Ribeiro Ferreira), Coimbra, Edições Minerva, 2003, 639 pp., 29 estampas [ISBN: 972-978-090-2].

Para assinalar os 2500 anos do nascimento de Sófocles, o Instituto de Estudos Clássicos, conjuntamente com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra e o FESTEIA-Festival de Tema Clássico, promoveu a publicação da tradução da obra completa do teatro de Sófocles, com o patrocínio de “Coimbra 2003 — Capital Nacional da Cultura”.

Embora a tradição conceda a este tragediógrafo um número de composições superior a 120, conforme nos testemunha ainda na época helenística o gramático Aristófanes de Bizâncio, ao nosso tempo apenas chegaram sete peças completas, as que figuravam numa colectânea para uso escolar, organizada por um anónimo do tempo do imperador Adriano. São precisamente essas tragédias que agora nos são facultadas em tradução, num volume único, com apresentação cuidada e uma capa sóbria, mas muito elegante. Conhecia já a língua portuguesa várias edições da *Antígona*, do *Filoctetes*, do *Rei Édipo*, de *As Traquínias*, e do *Édipo em Colono*, da responsabilidade — que é sempre garantia de grande qualidade — de M. H. Rocha Pereira, J. Ribeiro Ferreira e M. do Céu Fialho (as três últimas)¹. A estas juntam-se agora, de cada uma das autoras referidas, as versões inéditas do *Ájax* e da *Electra*.

O volume abre com um prefácio de Maria do Céu Fialho que, de forma clara e concisa, sublinha e analisa as características marcantes da produção deste autor, cuja existência acompanhou não só o percurso de crescimento, hegemonia e declínio da Atenas do séc. V a. C., mas também todo o debate de um conjunto de novas questões que puseram em causa tradicionais certezas. Da parte da autora há ainda o cuidado, sempre necessário quando se trata de uma obra colectiva, de evidenciar preocupação com o estabelecimento de critérios uniformes que confirmem homogeneidade à publicação. Ficamos a saber, então, que para a delimitação das partes das tragédias se seguiu a divisão proposta por Kamerbeek, na sua obra em sete volumes *The Plays of Sophocles. Commentaries* (Leiden 1953-1984); e que para a tradução — ainda que por discordâncias pontuais tivessem os autores recorrido a lições dos textos de Jebb (Leiden 1893-1907) ou de Dawe (Stuttgartiae et Lipsiae³1996) — se tomou por base o texto da edição oxoniense de H. Lloyd-Jones e N. G. Wilson

¹ *Antígona* (Porto, Centro de Estudos Humanísticos, 1958; Coimbra, Atlântida, 1968; INIC, 1984, 1987; JNICT, 1992, 1998; Festival de Tema Clássico, 2003; Brasília, Universidade de Brasília, 1997), *Filoctetes* (Coimbra, INIC, 1979, 1988; JNICT, 1997), *Rei Édipo* (Coimbra, INIC, 1979, 1986; Lisboa, Edições 70, 1991; Festival de Tema Clássico, 2003), *As Traquínias* (Coimbra, INIC, 1984, 1989; Festival de Tema Clássico, 2003) e *Édipo em Colono* (Coimbra, Minerva, 1996; Festival de Tema Clássico, 2003).

(Oxonii 1990). Desta edição mantiveram-se os sinais diacríticos que assinalam o que foi acrescentado por conjectura ou a partir de uma fonte paralela e os que registam as partes perdidas e os passos considerados corruptos. Ora, face a este louvável rigor, causa alguma estranheza que não se tenha justificado a razão que presidiu à ordenação das peças. Quem como nós esperava que fosse adoptado um critério de natureza cronológica, fica algo perplexo com esta sequência pouco habitual em obras completas de Sófocles.

O corpo central da publicação é preenchido pelas sete traduções que evidenciam uma grande mestria no manejo das duas línguas, só possível a quem, como os tradutores, as conhece em profundidade. Precede-as uma breve introdução onde, para além das necessárias questões relacionadas com a datação ou a encenação, se abordam e discutem aspectos essenciais para o entendimento da tragédia: o mito, a análise e sentido da peça, os temas fundamentais, a caracterização das figuras, o papel dos deuses e do coro.

A encerrar o volume, à bibliografia selecta, distribuída por edições e comentários e por estudos, segue-se um conjunto de estampas de excelente qualidade gráfica, dividido em duas secções: “ilustrações antigas”, com a reprodução de pinturas da cerâmica grega, representando cenas do *Ájax*, *Rei Édipo*, *Antígona*, *As Traquínias* e *Filoctetes* (imagens 1 a 5); e “encenações modernas”, com fotografias de algumas das encenações de peças sofocianas em território nacional (imagens 6 a 12) e ainda de uma colecção de trajes e objectos de representações modernas pelos grupos “Selene” e “Hélios” de Madrid (imagens 13 a 29).

A Sófocles devia a língua portuguesa uma tradução da sua obra completa. Dois mil e quinhentos anos depois do seu nascimento, teve-a na sua forma mais sublime.

CARLOS MORAIS